



REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ISSN 2176-9036

Vol. 18, n. 1, Jan./Jun., 2026

Sítios: <https://periodicos.ufrn.br/index.php/ambiente>

<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/Ambiente>

Artigo recebido em: 03.04.2025. Revisado por pares em: 16.09.2025. Reformulado em: 13.10.2025. Avaliado pelo sistema double blind review.

DOI: 10.21680/2176-9036.2026v18n1ID39719

Conservadorismo contábil e estágios do ciclo de vida em cooperativas de crédito brasileiras

Accounting conservatism and life cycle stages in brazilian credit unions

Conservadurismo contable y etapas del ciclo de vida en cooperativas de crédito brasileñas

Autores

Diego Rafael Stüpp

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Contabilidade (PPGC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Assistente na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis –SC, Brasil. CEP: 88040-900. Identificadores (ID):

Redalyc: <https://www.redalyc.org/autor.oa?id=78058>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1641-3216>

Research Gate: <https://www.researchgate.net/profile/Diego-Stuepp-2>

Google Citations: <https://scholar.google.com.br/citations?user=9X5g-9wAAAAJ&hl=pt-BR>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2120486579288617>

E-mail: diegostupp@gmail.com

Leonardo Flach

Pós-doutor em Contabilidade e Finanças pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT/EUA). Professor da graduação e pós-graduação em Contabilidade na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor em Administração (UFRGS). Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis –SC, Brasil. CEP: 88040-900. Identificadores (ID):

Web of Science: <https://www.webofscience.com/wos/author/record/910728>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/autor.oa?id=5097>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4316-0704>

Research Gate: <https://www.researchgate.net/profile/Leonardo-Flach-3>

Academia: <https://ufsc.academia.edu/LeonardoFlachGoogle>

Citations: <https://scholar.google.com.br/citations?user=f50cJ1gAAAAJ&hl=pt-BR>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8428386728078124>

E-mail: leonardo.flach@gmail.com

Arthur Frederico Lerner

Doutor em Contabilidade pelo Programa de Pós-Graduação em Contabilidade (PPGC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis –SC, Brasil. CEP: 88040-900. Identificadores (ID):

Web of Science: <https://www.webofscience.com/wos/author/record/AAW-6460-2021>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7027-0562>

Research Gate: <https://www.researchgate.net/profile/Arthur-Frederico-Lerner>

Academia: <https://ufrgs.academia.edu/ArthurLerner>

Google Citations: <https://scholar.google.com.br/citations?user=QJyKPWMAAAAJ&hl=pt-BR>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0511190729079027>

E-mail: arthurlerner@hotmail.com

Isabel Martínez Conesa

Diplomada em Ciências Empresariais pela Universidade de Múrcia. Doutorado em Ciências Econômicas e Empresariais pela Universidade de Múrcia. Professora Catedrática da Universidad de Murcia. Endereço: C. Campus Universitario, s/n, Edificio 2, 30100 Murcia, Espanha. Identificadores (ID):

Web of Science: <https://www.webofscience.com/wos/author/record/56132946>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3597-1862>

Research Gate: <https://www.researchgate.net/lab/Isabel-Martinez-Conesa-Lab>

Academia: <https://portalinvestigacion.um.es/investigadores/333335/detalle>

Citations: <https://scholar.google.es/citations?user=wuLYNkYAAAAAJ&hl=es>

E-mail: isabelm.martinez@um.es

(Artigo apresentado no 14º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças – 26 a 28 de junho de 2024 - Florianópolis – SC)

Resumo

Objetivo: Analisar a relação entre os diferentes estágios do ciclo de vida e o conservadorismo contábil em cooperativas de crédito brasileiras, preenchendo uma lacuna de pesquisa sobre a influência da maturidade organizacional na qualidade da informação contábil em entidades não lucrativas.

Metodologia: Como método de pesquisa, aplicou-se a modelagem de regressão com dados em painel, para uma amostra de 615 cooperativas de crédito brasileiras, entre 2017 e 2023. As cooperativas foram agrupadas em *clusters* do estágio de vida, conforme modelo de Vasylieva e Chmutova (2015) e Maia (2022). O conservadorismo contábil foi medido pelos modelos de Ball e Shivakumar (2005) e de Beatty e Liao (2011).

Resultados: Os resultados do modelo em painel demonstram que as fases do ciclo de vida têm poder explicativo sobre o conservadorismo contábil das cooperativas de crédito brasileiras, confirmando a hipótese levantada.

Contribuições do Estudo: A pesquisa contribui ao ampliar a aplicação da teoria do ciclo de vida no contexto das cooperativas de crédito, demonstrando que o conservadorismo contábil é

influenciado pelo estágio de desenvolvimento dessas entidades. Essa abordagem é inovadora no Brasil e em mercados emergentes.

Palavras-chave: Ciclo de vida. Conservadorismo contábil. Cooperativas de crédito.

Abstract

Purpose: This study analyzes how the different stages of the life cycle influence accounting conservatism in Brazilian credit unions, filling a research gap regarding the relationship between organizational maturity and financial reporting quality in non-profit entities.

Methodology: The research employed panel data regression modeling for a sample of 615 Brazilian credit cooperatives from 2017 to 2023. The cooperatives were grouped into life cycle clusters based on the models of Vasylieva and Chmutova (2015) and Maia (2022). Accounting conservatism was measured using the models of Ball and Shivakumar (2005) and Beatty and Liao (2011).

Results: The panel model results demonstrate that life cycle stages have explanatory power over the accounting conservatism of Brazilian credit cooperatives, confirming the proposed hypothesis.

Study Contributions: The research extends the application of life cycle theory to the credit union sector, demonstrating that accounting conservatism varies across stages. This provides novel evidence for the Brazilian context and emerging markets.

Keywords: Life cycle. Accounting conservatism. Credit unions.

Resumen

Objetivo: Analizar la relación entre las diferentes etapas del ciclo de vida y el conservadurismo contable en cooperativas de crédito brasileñas, cubriendo una brecha en la investigación sobre la influencia de la madurez organizacional en la calidad de la información contable en entidades sin fines de lucro.

Metodología: Como método de investigación, se aplicó la modelización de regresión con datos en panel a una muestra de 615 cooperativas de crédito brasileñas entre 2017 y 2023. Las cooperativas fueron agrupadas en clusters según su etapa de vida, conforme al modelo de Vasylieva y Chmutova (2015) y Maia (2022). El conservadurismo contable se midió a través de los modelos de Ball y Shivakumar (2005) y de Beatty y Liao (2011).

Resultados: Los resultados del modelo en panel demuestran que las fases del ciclo de vida tienen poder explicativo sobre el conservadurismo contable de las cooperativas de crédito brasileñas, confirmando la hipótesis planteada.

Contribuciones del Estudio: La investigación aporta al ampliar la aplicación de la teoría del ciclo de vida en el contexto de las cooperativas de crédito, demostrando que el conservadurismo contable está influenciado por la etapa de desarrollo de estas entidades. Este enfoque es innovador en Brasil y en mercados emergentes.

Palabras clave: Ciclo de vida. Conservadurismo contable. Cooperativas de crédito.

1 Introdução

As cooperativas de crédito exercem um papel relevante no mundo das finanças, além de chamar a atenção de uma literatura significativa e crescente (Favalli *et al.*, 2020; Maia *et al.*, 2019; Unda *et al.*, 2019). Estas cooperativas são formadas pela associação de pessoas para prestar serviços financeiros exclusivamente aos seus associados. Os cooperados são ao mesmo tempo donos e usuários da cooperativa, participando de sua gestão e usufruindo de seus produtos e serviços (Banco Central do Brasil [BCB], 2024). As cooperativas de crédito atuam como instituições seguras para depósitos e importantes fontes de crédito para famílias, pequenas e médias empresas. Seu caráter predominantemente não lucrativo e a ênfase na maximização dos benefícios aos cooperados têm sido fatores determinantes para sua sustentabilidade e popularidade ao longo do tempo (McKillop *et al.*, 2020).

As cooperativas de crédito atuam em um setor altamente competitivo e dinâmico e devem adaptar-se continuamente para sobreviver no mercado que tende à concentração, ao mesmo tempo, precisam apresentar resultados financeiros que justifiquem o seu papel social. Nesse ambiente competitivo, as cooperativas de crédito precisam operar de forma eficiente, maximizando resultados, reduzindo custos e explorando economias de escala (Silva *et al.*, 2017).

Mesmo sem a pressão explícita do mercado por lucros, os cooperados esperam resultados positivos, preferencialmente com distribuição de sobras no final do ano (Sallaberry *et al.*, 2024). A exigência de divulgação periódica dos resultados financeiros pode levar as cooperativas a manipularem esses resultados, visto que elevada volatilidade nos mesmos pode ser interpretada como um indicativo de instabilidade financeira (Maia *et al.*, 2013).

Em um ambiente regulatório rigoroso, a qualidade das informações contábeis é importante para a gestão eficaz das cooperativas de crédito. Para assegurar transparência e confiabilidade aos cooperados e gestores, é essencial que as práticas contábeis adotadas sejam precisas e consistentes. A literatura aponta que os gestores podem fazer escolhas contábeis de forma a atingir algum objetivo específico, afetando a qualidade de informação contábil (Dechow *et al.*, 2010; Xu, 2007).

Além da discricionariedade dos gestores, o ciclo de vida das empresas também pode afetar a gestão, a estratégia dos negócios, a qualidade das demonstrações contábeis e consequentemente, a avaliação de seu valor (Habib & Hasan, 2019; Lima *et al.*, 2015). O conservadorismo contábil também exerce influência nesse processo, uma vez que os diferentes estágios do ciclo de vida organizacional implicam características financeiras específicas, capazes de impactar tanto o nível de conservadorismo adotado quanto a relevância da informação contábil (Park & Chen, 2006). Estudos anteriores apresentam distintos resultados quanto à influência do ciclo de vida das empresas na qualidade da informação e no conservadorismo contábil (Can, 2020; Hansen *et al.*, 2018; Krishnan *et al.*, 2020).

Nas cooperativas de crédito, a relação entre ciclo de vida e conservadorismo contábil adquire relevância particular devido à sua estrutura singular de propriedade e governança (McKillop *et al.*, 2020). Diferentes estágios do ciclo de vida podem afetar a necessidade e o grau de conservadorismo adotado (Hansen *et al.*, 2018). Nas fases iniciais, a necessidade de capitalização pode reduzir o conservadorismo para atrair novos associados, ao passo que, em estágios mais maduros, práticas conservadoras tendem a reforçar a estabilidade financeira. Sem a pressão de acionistas externos, o conservadorismo decorre sobretudo de exigências regulatórias e do compromisso com a segurança dos cooperados, tornando relevante examiná-lo ao longo do ciclo de vida para avaliar a sustentabilidade da cooperativa.

Diante disso, este estudo aborda a seguinte questão de pesquisa: **Como os diferentes estágios do ciclo de vida influenciam o conservadorismo contábil de cooperativas de crédito?** O objetivo principal deste estudo é analisar o conservadorismo contábil nos diferentes estágios do ciclo de vida de cooperativas de crédito.

As cooperativas de crédito têm origem em iniciativas voltadas ao fortalecimento econômico de comunidades com restrito acesso a serviços financeiros, enfatizando seu papel na concessão de assistência financeira a regiões carentes de recursos (McKillop *et al.*, 2020). Assim, essas entidades desempenharam um papel crucial na expansão do acesso ao crédito em áreas onde os serviços bancários tradicionais são escassos, promovendo a inclusão financeira e o desenvolvimento econômico (Kuznyetsova *et al.*, 2022). Reconhecendo a importância dessas entidades, autoridades governamentais, gestores e acadêmicos têm demonstrado grande interesse em avaliar seu desempenho econômico, principalmente por meio da análise do conservadorismo contábil.

A relevância teórica deste estudo está pautada na ampliação do entendimento da teoria do ciclo de vida da firma aplicada às cooperativas de crédito. A teoria sugere que as empresas passam por fases distintas - introdução, crescimento, maturidade, e declínio - que influenciam suas estratégias financeiras e operacionais (Mueller, 1972). Especificamente, o conservadorismo contábil nas cooperativas de crédito pode variar significativamente conforme o estágio do ciclo de vida em que se encontram. Ademais, a investigação sobre o conservadorismo contábil em cooperativas de crédito alinha-se diretamente com o escopo deste periódico, em áreas como qualidade da informação contábil em intermediários financeiros, governança cooperativa e impactos da regulamentação sobre práticas contábeis. Ao explorar como as cooperativas adotam práticas contábeis conservadoras em resposta a exigências regulatórias, o estudo contribui para o entendimento das estratégias de gestão e do controle financeiro no contexto cooperativo.

Do ponto de vista prático, entender a relação entre os estágios do ciclo de vida e o conservadorismo contábil é importante para a gestão financeira e estratégica das cooperativas de crédito. À medida que o setor bancário se torna mais competitivo e as operações de fusões e aquisições se tornam estratégias comuns para o crescimento, as cooperativas de crédito carecem de evidências sobre como sua fase no ciclo de vida afeta sua sustentabilidade financeira e capacidade de geração de valor para os associados. Por exemplo, Carvalho *et al.* (2015) destacaram a importância das fusões e aquisições para as cooperativas de crédito expandirem suas operações, o que pode ser influenciado pelo estágio de ciclo de vida.

2 Revisão da Literatura

2.1 Teoria do ciclo de vida aplicada às cooperativas de crédito

No Brasil, as cooperativas de crédito vêm experimentando um crescimento significativo nos últimos anos. Esse aumento é impulsionado, em parte, pelo avanço do setor agropecuário nacional, pelos incentivos fiscais e pela oferta de serviços financeiros com custos reduzidos. Diante da necessidade de ampliar presença e escala no mercado financeiro, essas cooperativas tendem a expandir suas operações (Carvalho *et al.*, 2015).

No acumulado dos últimos cinco anos, o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo registrou um impressionante crescimento de 223% dos ativos, o que contrasta com a expansão de 82% observada em outros segmentos do Sistema Financeiro Nacional no mesmo período (Banco Central do Brasil [BCB], 2025). Esses dados, enfatizados pelo BCB, destacam o papel significativo desempenhado pelas cooperativas de crédito no cenário financeiro brasileiro.

De acordo com Azevedo e Gartner (2020), as cooperativas de crédito contribuem para intensificar a competição no mercado de crédito. Os autores explicam esse efeito por ganho de escala, ausência de obrigação de maximização de lucro, benefícios fiscais e retroalimentação positiva entre cooperados e instituição, fatores que podem reduzir os juros praticados nestas instituições.

Assim, manter rentabilidade adequada é importante para assegurar a perenidade de uma cooperativa saudável ao longo do tempo. Portanto, o estudo dos estágios do ciclo de vida das cooperativas mostra-se como um ponto-chave para a investigação de sua vida útil por meio de *proxies* contábeis.

De acordo com Samadiyan e Rezaei (2012), um dos modelos mais utilizados para análise do valor da firma e do seu posicionamento no mercado é o modelo do ciclo de vida. Drake (2012) descreve que o objetivo da análise do ciclo de vida da firma é avaliar como as variações nos incentivos, restrições e estratégias ao longo do ciclo de vida se relacionam com as decisões dos gestores e o desempenho da empresa.

Mueller (1972) propõe que uma empresa típica tende a apresentar um padrão de desenvolvimento caracterizado, inicialmente, por uma fase de crescimento lento ao ingressar no mercado, seguida por aceleração do crescimento e, posteriormente, por um estágio de maturidade que pode resultar em estagnação ou em um avanço mais moderado. Estes estágios do ciclo de vida são interpretados como a interação de variáveis que refletem tanto o contexto econômico em que a empresa está inserida quanto sua estrutura organizacional. Neste modelo, as dimensões contextuais são representadas pela idade, pelo porte e pela velocidade de expansão da empresa, estando diretamente associadas aos desafios específicos enfrentados em cada fase de seu desenvolvimento.

Para o contexto das cooperativas de crédito, Ferguson e McKillop (2000) propõem uma metodologia de ciclo de vida organizacional, dividindo-as em fases distintas de crescimento. Essas fases incluem um estágio nascente (formativa), um estágio de transição e um estágio de maturidade.

A pesquisa de Cook (1995) introduziu um modelo pioneiro que descreve as fases do ciclo de vida de cooperativas agrícolas, argumentando que a vitalidade econômica dessas organizações tende a oscilar ao longo do tempo. Essa dinâmica pode ser captada por meio de métricas financeiras-chave, como o retorno sobre o patrimônio e a margem de lucro líquido.

Canassa *et al.* (2022) investigaram a dinâmica entre o aumento de associados e a probabilidade de encerramento das atividades em cooperativas de crédito brasileiras, baseando-se nas teorias do ciclo de vida desenvolvidas por Cook (1995) e posteriormente aprimoradas por Cook e Burress (2009), com foco em como o crescimento do número de membros influencia a longevidade dessas instituições. O estudo se destaca por se afastar do enfoque tradicional em indicadores estritamente financeiros, concentrando-se no impacto do tamanho do quadro associativo sobre a sobrevivência das cooperativas.

Nesta pesquisa, utilizou-se a proposição do ciclo de vida apresentada por Vasylieva e Chmutova (2015) e Maia (2022), que propõe uma classificação por *clusters* a partir de dados divulgados pelas cooperativas de crédito ao Banco Central do Brasil. Na identificação do estágio de ciclo de vida foram considerados os seguintes aspectos:

(i) Nascente (NC): neste estágio espera-se que as cooperativas apresentem valores altos da taxa de crescimento da despesa com pessoal e baixas taxa de crescimento da receita e de participação no Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC).

(ii) Transição / Crescente (TC): as cooperativas neste estágio apresentam um aumento nas taxas de participação no SNCC e de crescimento da receita combinado de uma queda dos gastos com pessoal devido a automatização de processos.

(iii) Madura (MD): é composto por cooperativas com estabilidade nas variáveis, ou seja, não apresentam variações significativas nas taxas de crescimento da receita, despesa com pessoal e participação no SNCC, permanecendo em valores medianos gerais.

(iv) Declínio / Decisão (DD): neste estágio a taxa da despesa com pessoal é baixa, e os valores da taxa de crescimento da receita e participação no SNCC são medianos com tendência de decrescimento ao longo dos anos.

2.2 Conservadorismo contábil em empresas cooperativas

A informação contábil de qualidade é aquela que demonstra o desempenho financeiro de uma entidade e se mostra relevante para a tomada de decisão (Dechow *et al.*, 2010). Dentro dessa definição, identificam-se três elementos-chave. Primeiramente, a qualidade está atrelada à importância da decisão tomada. Em segundo lugar, a qualidade também é influenciada pela divulgação do desempenho financeiro, considerando que há aspectos que não podem ser observados diretamente. Por último, a qualidade é vista como uma interação entre a importância do desempenho financeiro após uma decisão e a habilidade da contabilidade em capturar esse desempenho (Ferreira *et al.*, 2021).

A contabilidade registra os resultados derivados de decisões passadas e atua como bússola para direcionar estratégias futuras e assegurar gestão eficaz dos recursos. Apesar de as informações contábeis serem reguladas por órgãos reguladores, a literatura aponta que os gestores podem fazer escolhas contábeis com vistas a atingir objetivos específicos, afetando, assim, a qualidade de informação contábil (Dechow *et al.*, 2010; Xu, 2007).

Não há consenso sobre a mensuração da qualidade das informações contábeis, as medidas mais utilizadas incluem: persistência nos lucros, gerenciamento de resultados, reconhecimento assimétrico das perdas (conservadorismo), *value relevance* (relevância), transparência e comparabilidade (Lima *et al.*, 2015; Martins & Barros, 2021). Dechow *et al.* (2010) afirmam que não há uma medida de qualidade dos lucros que se destaque como a mais eficaz em todos os contextos de tomada de decisão.

Embora as cooperativas de crédito apresentem especificidades, são obrigadas a fornecer informações contábeis ao Banco Central do Brasil. Essa disponibilidade, ainda que parcial, permite analisar o conservadorismo contábil como um indicador da qualidade da informação nessas entidades.

O conservadorismo contábil é um atributo fundamental da informação financeira que pode contribuir significativamente para a melhoria da qualidade dos dados reportados, tanto para usuários internos quanto externos. Ele tende a aumentar a confiabilidade dos números divulgados, sinalizando um menor espaço para oportunismo gerencial e reduzindo a assimetria de informações (Dechow *et al.*, 2010; Scott, 2015). Além disso, políticas regulatórias, litígios, questões tributárias e relações contratuais podem influenciar os resultados financeiros e a qualidade das informações reportadas. Nesse contexto, o conservadorismo atua como mecanismo de alerta precoce, ajudando a preservar informações confiáveis, de alta qualidade e úteis à decisão (Ball & Shivakumar, 2006; Scott, 2015; Watts, 2003).

A convenção do conservadorismo contábil estabelece que, diante de alternativas igualmente prováveis de avaliação do patrimônio, deve-se optar pela que apresente o menor valor para ativos/receitas e o maior valor para passivos/despesas. Isso reflete reconhecimento assimétrico, que favorece o cenário menos favorável, ou seja, antecipa a contabilização de perdas, mas não a de lucros. Tal abordagem impacta a representação da realidade econômica e a mensuração dos componentes das demonstrações contábeis, tendendo a minimizar os ativos e maximizar os passivos (Arruda *et al.*, 2015; Basu, 1997; Paulo *et al.*, 2008).

Os estudos sobre conservadorismo contábil abrangem uma vasta gama de temáticas, incluindo análises interculturais e efeitos do ambiente econômico, bem como pesquisas focadas em empresas de capital aberto e fechado, em setores específicos ou em amostras amplas. Ainda assim, um campo ainda pouco explorado, especialmente no Brasil, é o das cooperativas de crédito (Ferreira *et al.*, 2021).

Ferreira *et al.* (2021) levantaram publicações sobre qualidade da informação contábil em cooperativas, entre os anos de 2010 e 2020, nas bases Spell, Google Acadêmico e *Web of Science*. A amostra foi composta por apenas 17 artigos. Os resultados indicam que o gerenciamento de resultados (12 trabalhos) foi a principal métrica de mensuração da qualidade da informação. Apenas quatro estudos abordaram suavização dos resultados e um tratou da persistência dos resultados, o que reforça a relevância e originalidade da presente pesquisa.

Beatty e Liao (2011) examinam o conservadorismo contábil no contexto do reconhecimento das perdas esperadas em bancos e sua relação com o ciclo econômico. Já Díaz-Sánchez *et al.* (2023) evidenciam que o conservadorismo dos lucros se associa positivamente à robustez da regulação e supervisão bancária e a uma disciplina de mercado mais forte.

A Tabela 1 apresenta estudos anteriores relacionados, resumindo contexto, método, resultados e lacuna identificada.

Tabela 1

Estudos anteriores relacionados

Estudo	Contexto	Método	Resultados	Lacuna identificada
Arruda <i>et al.</i> (2015)	Instituições financeiras brasileiras	Análise do conservadorismo pelo modelo de Ball e Shivakumar (2005) e persistência dos resultados contábeis com o modelo de Dechow e Schrand (2004)	Os resultados contábeis não apresentam comportamento conservador, além disso, os lucros das companhias fechadas são mais persistentes do que os das companhias abertas	Não distingue cooperativas de crédito das demais instituições financeiras e não aborda os estágios do ciclo de vida
Can (2020)	Empresas listadas na bolsa de Istambul	Análise do impacto dos ciclos de vida na qualidade da informação contábil	Ciclo de vida influencia a qualidade da informação contábil. Estágios de introdução e declínio afetam negativamente a qualidade da informação contábil	Não foca em cooperativas de crédito
Castro <i>et al.</i> (2022)	Cooperativas de crédito brasileiras	Análise empírica sobre conservadorismo contábil pelo modelo de Ball e Shivakumar (2005)	Evidências de conservadorismo nas práticas contábeis	Não relaciona com o ciclo de vida
Diniz (2020)	Cooperativas de crédito no Brasil	Qualidade da informação contábil, utilizando como proxies o conservadorismo (Ball & Shivakumar, 2005), a persistência nos lucros (Dechow & Schrand, 2004) e o gerenciamento de resultados (Fuji, 2004; Goulart, 2007)	Conservadorismo presente, mas com variação conforme porte	Não analisou ciclo de vida
Hansen <i>et al.</i> (2018)	Empresas em diferentes ciclos de vida	Análise da relação entre ciclo de vida e conservadorismo (Basu,	Empresas maduras tendem a ser mais conservadoras	Não aborda cooperativas de crédito

		1997; Givoly & Hayn, 2000)		
Lima <i>et al.</i> (2015)	Empresas listadas brasileiras	Análise da qualidade da informação contábil nos estágios do ciclo de vida	Qualidade da informação varia conforme o ciclo de vida	Não foca em cooperativas de crédito
Paulo <i>et al.</i> (2008)	Companhias abertas e fechadas brasileiras	Análise do conservadorismo contábil pelo modelo de Ball e Shivakumar (2005)	Companhias fechadas apresentam menor conservadorismo	Não explora cooperativas de crédito
Santos & Santos (2020)	Cooperativas de crédito brasileiras	Análise das práticas de <i>income smoothing</i> e conservadorismo pelos modelos de Eckel (1981) e Ball e Shivakumar (2005)	Maior nível de conservadorismo por parte das cooperativas de crédito não suavizadoras	Não investiga a influência do ciclo de vida

Fonte: Dados da pesquisa.

Dessa forma, variações nos estágios do ciclo de vida podem interferir no conservadorismo contábil das cooperativas de crédito e, consequentemente, sinalizar riscos à continuidade nessas entidades. Diante disso, define-se a hipótese H1: as fases do ciclo de vida influenciam o conservadorismo contábil das cooperativas de crédito brasileiras.

3 Procedimentos Metodológicos

A opção pelo método de *clusters* decorre da necessidade de capturar heterogeneidades dinâmicas entre as cooperativas, reconhecendo que o estágio de ciclo de vida não é estático e pode variar ao longo do tempo em função de eventos externos e internos.

3.1 População e Amostra

A população do estudo é composta por todas as cooperativas de crédito singulares com informações disponíveis no banco de dados IF.data do Banco Central do Brasil. Verifica-se uma redução no número dessas instituições ao longo dos anos, decorrente, sobretudo, de processos de incorporação, o que reflete um movimento de concentração no segmento cooperativista. Entre 2020 e 2024, foram registradas 100 incorporações de cooperativas singulares (Banco Central do Brasil [BCB], 2025). Por outro lado, observa-se na Tabela 2 um expressivo crescimento no número de postos de atendimento, que passou de 4.935 em 2017 para 9.048 em 2023. Esse processo pode estar relacionado à busca por maior porte institucional, redução de custos e ganhos de eficiência. O período de análise compreende os exercícios de 2017 a 2023.

Tabela 2

População de cooperativas por ano

Ano	Total de cooperativas	Postos de atendimento
2023	767	9.048
2022	794	8.333
2021	817	7.252
2020	844	6.486
2019	871	6.051
2018	923	5.391
2017	966	4.935

Fonte: Dados da pesquisa.

A definição da amostra envolveu a aplicação de critérios de seleção. Inicialmente, foram consideradas as cooperativas que apresentaram demonstrações contábeis em todos os anos do período analisado, totalizando 799 unidades. Em seguida, foram excluídas 184 cooperativas que apresentavam dados faltantes ou zerados, passivo a descoberto (patrimônio líquido negativo) ou ausência de valores de captação - nesse último caso, geralmente correspondentes a cooperativas de mútuo de servidores e empregados. Assim, a amostra final foi composta por 615 cooperativas de crédito, totalizando 4.305 observações.

3.2 Variáveis e Modelo Teórico

Os estudos sobre o ciclo de vida em cooperativas apresentam diferentes abordagens teóricas. Neste trabalho, adota-se o modelo proposto por Maia (2022), ilustrado na Figura 1, que combina as etapas definidas por Ferguson e McKillop (2000) — Nascente, Transição e Madura — com as fases de Declínio e Decisão, conforme sugerido por Cook (1995) e Cook e Burrell (2009).

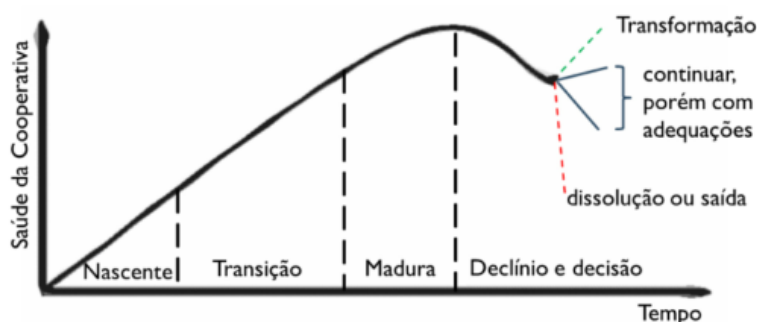


Figura 1 *Proposição do ciclo de vida das cooperativas de crédito, de acordo com Maia (2022).*
Fonte: Maia (2022).

O modelo de fluxo de caixa desenvolvido por Dickinson (2011) não se mostra adequado para entidades financeiras, pois suas atividades operacionais envolvem componentes financeiros e de investimento (Kolodiziev et al., 2016; Maia, 2022). Embora não haja consenso quanto aos indicadores mais apropriados para a identificação das fases do ciclo de vida, o modelo de Vasylieva e Chmutova (2015) apresenta consistência, considerando que foi construído e testado em instituições financeiras ucranianas.

A mensuração do estágio do ciclo de vida foi realizada por meio da análise de *clusters*, que agrupa elementos com características semelhantes. O *cluster* foi calculado anualmente, permitindo avaliar cada cooperativa em diferentes períodos. A análise de todas as cooperativas em todos os anos em um único *cluster* resultaria na comparação de cada entidade consigo mesma (Maia, 2022). As variáveis utilizadas na análise de *clusters* foram baseadas em estudos sobre o ciclo de vida de instituições financeiras, conforme Vasylieva e Chmutova (2015) e Maia (2022), conforme apresentado na Tabela 3.

A taxa de crescimento da receita reflete a variação dos valores gerados pelas atividades e foi calculada pela razão entre a receita do ano corrente e a receita do ano anterior. Espera-se que, nas fases iniciais, essa taxa seja reduzida; na fase de crescimento, apresente elevação significativa; e, na fase de declínio, apresente tendência negativa.

Tabela 3

Variáveis e Estágios do ciclo de vida das cooperativas de crédito, de acordo com Vasylieva e Chmutova (2015)

Estágio	Taxa de Crescimento da Receita	Taxa de Crescimento da Despesa com Pessoal	Taxa de participação no Sistema Nacional de Crédito Cooperativo
1. Nascente	Baixa	Alta	Baixa
2. Crescimento	Aumento	Declínio	Aumento
3. Madura	Estável	Estável	Estável
4. Declínio/ Decisão	Declínio	Baixa	Declínio

Fonte: Maia (2022)

A taxa de crescimento das despesas com pessoal representa os gastos com salários, benefícios e encargos, sendo calculada pela razão entre os gastos com pessoal do ano corrente e os do ano anterior. De acordo com a literatura, espera-se que tais despesas sejam mais elevadas nas fases iniciais e se reduzam progressivamente em função da automatização de processos e do ganho de eficiência operacional (Kolodiziev et al., 2016; Vasylieva & Chmutova, 2015).

A participação no Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) foi utilizada como indicador de competitividade do setor. Essa taxa foi calculada pela divisão do ativo total de cada cooperativa pelo somatório dos ativos de todas as cooperativas de crédito brasileiras. O comportamento esperado desse indicador é semelhante ao da taxa de crescimento da receita: tende a aumentar durante a fase de crescimento, estabilizar na maturidade e reduzir durante o declínio, em virtude da perda de competitividade e de participação de mercado (Kolodiziev et al., 2016; Maia, 2022).

Para mensurar o conservadorismo contábil, adotou-se o modelo de lucros proposto por Ball e Shivakumar (2005), adequado a entidades não listadas em bolsa de valores. A equação do modelo é apresentada a seguir:

$$\Delta SL_t = \beta_0 + \beta_1 D\Delta SL_{t-1} + \beta_2 \Delta SL_{t-1} + \beta_3 D\Delta SL_{t-1} \times \beta_2 \Delta SL_{t-1} + \varepsilon_t$$

Em que: ΔSL_t é a variação na sobra líquida no período t-1 para o período t, ponderada pelo ativo total no ano t; $D\Delta SL_{t-1}$ indica a variável *dummy* se houve variação negativa nas sobras líquidas do ano t-1 para o ano t, assumindo valor 1 se a variação foi negativa e 0 para os demais casos; ΔSL_{t-1} é a variação nas sobras líquidas da cooperativa do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo ativo total do ano t-1; ε_t é o erro da regressão.

Espera-se que o coeficiente β_2 seja igual a zero ($\beta_2 = 0$), indicando que os ganhos são reconhecidos como componentes positivos e persistentes no resultado contábil, não sujeitos à reversão. Caso o coeficiente seja menor que zero ($\beta_2 < 0$), indica o reconhecimento oportuno, em que os ganhos são transitórios no período atual e revertidos no período futuro. Já o somatório de β_2 e β_3 , menor que zero ($\beta_2 + \beta_3 < 0$), indica a presença de conservadorismo contábil nos resultados. Os coeficientes β_0 e β_1 não possuem predição teórica definida (Ball & Shivakumar, 2005; Castro et al., 2022; Diniz, 2020; Paulo et al., 2008).

Como medida complementar de conservadorismo contábil, incorporou-se a métrica proposta por Beatty e Liao (2011), calculada pela razão entre as reservas para perdas com empréstimos e os empréstimos inadimplentes. As perdas com empréstimos foram mensuradas a partir do saldo contábil da conta “Provisão sobre Operações de Crédito”, enquanto os empréstimos inadimplentes corresponderam àqueles vencidos há mais de 90 dias, classificados nas categorias de risco E, F, G e H.

A adoção de duas métricas distintas - uma baseada em *accruals* (Ball & Shivakumar, 2005) e outra no risco de crédito (Beatty & Liao, 2011) - permite capturar de forma mais abrangente as especificidades das cooperativas de crédito. O conservadorismo baseado em *accruals* reflete a assimetria no reconhecimento de ganhos e perdas econômicas, evidenciando o grau de prudência na mensuração contábil. Já a métrica baseada no risco de crédito incorpora a perspectiva prudencial inerente ao modelo cooperativista, cuja sustentabilidade depende da solidez financeira e da gestão eficiente dos riscos das operações. A combinação dessas abordagens proporciona uma avaliação mais robusta do conservadorismo contábil, abrangendo tanto a dimensão informacional quanto a dimensão prudencial da contabilidade nas cooperativas de crédito.

3.3 Procedimento e Análise dos Dados

As informações referentes ao Ativo, Passivo e Demonstração de Resultados foram obtidas no site do Banco Central do Brasil, por instituição, com data-base em dezembro de 2017 a 2023. Após o *download* das planilhas, os dados foram compilados e organizados em uma planilha do Microsoft Excel.

Os indicadores de desempenho financeiro foram calculados no Microsoft Excel, enquanto as análises de *clusters*, a análise discriminante, a estatística descritiva e a regressão linear do conservadorismo contábil foram executadas no *software* RStudio.

Os valores discrepantes (*outliers*) foram identificados e excluídos conforme o seguinte procedimento: primeiramente, calcularam-se a mediana, o primeiro quartil (Q1) e o terceiro quartil (Q3). Em seguida, determinou-se a amplitude interquartil (L), obtida pela diferença entre Q3 e Q1. Foram consideradas observações extremas aquelas com valores superiores a $Q3 + 3L$ ou inferiores a $Q1 - 3L$ (Fávero *et al.*, 2009).

Também foi verificada a presença de multicolinearidade entre as variáveis, situação em que duas ou mais delas explicam o mesmo fenômeno. Na análise de *clusters*, a multicolinearidade pode atribuir pesos implícitos desproporcionais, alterando os padrões de agrupamento (Hair *et al.*, 2010). Para esse diagnóstico, foi realizada a análise de correlação entre as variáveis, não sendo identificado tal problema.

A identificação dos estágios do ciclo de vida das cooperativas de crédito foi conduzida por meio da análise de agrupamentos (*clusters*), que consiste em um conjunto de técnicas multivariadas voltadas à agregação de objetos com base em suas características (Hair *et al.*, 2010). Neste estudo, utilizou-se o algoritmo *K-means clustering*, disponível no *software* RStudio. Esse método aplicado em *machine learning* permite particionar dados segundo sua similaridade, formando agrupamentos distintos.

A validação dos *clusters* foi realizada por meio da análise discriminante múltipla, que consiste na combinação linear de duas ou mais variáveis independentes, de forma a maximizar a discriminação entre os grupos previamente definidos (Hair *et al.*, 2010).

Quanto aos dados de conservadorismo contábil, a suposição de normalidade não foi atendida. Assim, aplicou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis para verificar diferenças de medianas entre os grupos (Fávero *et al.*, 2009), seguido pelo teste de Dunn (1964) para identificar quais grupos apresentaram diferenças estatisticamente significativas.

4 Resultados da Pesquisa

4.1 Ciclo de Vida

Para a definição dos *clusters*, foram estabelecidos quatro grupos, e a análise foi conduzida individualmente para cada ano. A Tabela 4 apresenta o quantitativo de cooperativas distribuídas por estágio do ciclo de vida e por ano. Em 2018, observou-se a predominância de cooperativas nos estágios de maturidade (42,28%) e declínio (49,76%), indicando um setor consolidado, mas com um número expressivo de instituições enfrentando desafios relevantes. Em comparação com o ano anterior, 2019 apresentou um aumento na proporção de cooperativas classificadas no estágio de crescimento (31,06%) e uma redução naquelas em declínio (39,67%), sugerindo sinais de renovação e expansão no segmento.

Tabela 4

Quantidade de cooperativas por estágio do ciclo de vida e ano

Ano	Nascente	%	Crescimento	%	Maturidade	%	Declínio	%
2018	42	6,83%	7	1,14%	260	42,28%	306	49,76%
2019	29	4,72%	191	31,06%	151	24,55%	244	39,67%
2020	5	0,81%	79	12,85%	351	57,07%	180	29,27%
2021	20	3,25%	136	22,11%	311	50,57%	148	24,07%
2022	40	6,50%	270	43,90%	237	38,54%	68	11,06%
2023	7	1,14%	68	11,06%	367	59,67%	173	28,13%
Total	143	3,88%	751	20,35%	1677	45,45%	1119	30,33%

Fonte: Dados da pesquisa.

Em 2020 indicou forte presença de cooperativas em estágio de maturidade (57,07%), enquanto as nascentes caíram para apenas cinco cooperativas. Em 2021, verificou-se um aumento expressivo das cooperativas em crescimento (22,11%) e uma redução daquelas em declínio (24,07%), indicando sinais de recuperação e fortalecimento do setor. Já em 2022, destacou-se o grande número de cooperativas nos estágios de crescimento (43,90%) e maturidade (38,54%), acompanhado de nova redução das cooperativas em declínio (11,06%), o que sugere um período de expansão e consolidação do segmento cooperativo. Em 2023, registrou-se o maior percentual de cooperativas em maturidade (59,67%), representando o ponto mais alto observado para qualquer estágio em todo o período analisado.

A evolução observada ao longo de 2018 a 2023 sugere um setor em transformação, com redução acentuada de cooperativas em declínio e aumento consistente das que se encontram nas fases de crescimento e maturidade. Esses resultados podem refletir um ambiente mais favorável ao desenvolvimento e fortalecimento das cooperativas, possivelmente em decorrência de melhores práticas de gestão, políticas de apoio institucional e condições de mercado mais estáveis.

A tese de Santos (2023) abordou os conceitos de *income smoothing* e folga organizacional nos estágios do ciclo de vida das cooperativas de crédito brasileiras. O autor utilizou um modelo de identificação de *clusters* baseado nos indicadores do sistema PEARLS. Ao comparar o período coincidente entre a tese e o presente estudo (2018 a 2020), observa-se convergência nos resultados, com predominância de cooperativas no estágio de maturidade, seguidas pelos estágios de declínio e crescimento, além de um pequeno percentual de cooperativas nascentes.

Por sua vez, o estudo de Maia (2022), que analisou a eficiência e o ciclo de vida das cooperativas de crédito utilizando metodologia semelhante de classificação de *clusters*, no período de 2016 a 2020, apresentou resultados distintos. Nesse caso, a maior concentração de cooperativas ocorreu no estágio de crescimento, seguida pela maturidade, o que evidencia a influência do contexto temporal.

Para validar os *clusters* obtidos, realizou-se a análise discriminante múltipla. Os resultados apontaram acurácia de classificação entre 89% e 96% em todos os anos analisados, confirmando a consistência e a robustez dos agrupamentos formados.

No caso das cooperativas classificadas no estágio de nascimento, a variável idade pode atuar como critério auxiliar de validação (Park & Chen, 2006), embora não seja necessariamente o indicador mais apropriado para instituições financeiras (Vasylieva & Chmutova, 2015). A média de idade apresentou evolução progressiva ao longo dos estágios, variando de 20,5 anos nas cooperativas nascentes até 27,8 anos naquelas em declínio.

Como etapa complementar, foi realizada a conferência por amostragem das cooperativas enquadradas no estágio de Nascimento. Entre as mais jovens, destaca-se a Sicoob Sul Maranhense (CNPJ 26.526.166/0001-30, constituída em 11/11/2016), classificada em dois anos como nascente e em outros dois como em crescimento. De forma semelhante, a Sicoob Norte MT (CNPJ 23.623.636/0001-95, constituída em 26/10/2015) foi enquadrada como nascente em 2018 e 2019, migrando para o estágio de crescimento nos anos seguintes.

Em seguida, buscou-se identificar cooperativas que passaram por processos de incorporação, com objetivo de avaliar a consistência de sua classificação nos *clusters*. Essa verificação foi realizada por meio da consulta à data de abertura e à situação cadastral de cada entidade, obtidas via API ReceitaWS com o uso do *software* RStudio. A Unicred Costa do Sol RJ (CNPJ 39.231.527/0001-62, incorporada em 02/09/2024) foi classificada em três anos no estágio de maturidade e em outros três, no estágio de declínio. A Uniprime Ouro (CNPJ 07.853.842/0001-35, incorporada em 21/12/2024) figurou em dois períodos em maturidade e em quatro em declínio. Já a Sicredi Credigrande (CNPJ 25.626.490/0001-67, incorporada em 13/11/2023) foi classificada um ano em declínio e, nos demais, em maturidade. A análise das cooperativas incorporadas sugere que a maioria se encontrava em maturidade ou declínio, compatíveis com decisões de incorporação, visando à redução de custos e à maximização de resultados, em consonância com pesquisas anteriores (Carvalho *et al.*, 2015; Silva *et al.*, 2017).

As faixas de classificação dos *clusters* ao longo de 2018 a 2023 apresentaram relativa estabilidade, com predominância de cooperativas em maturidade e declínio, especialmente nos anos iniciais. Embora a teoria do ciclo de vida preveja uma transição natural de fases iniciais (Nascente, Crescimento) para fases mais maduras ou de declínio ao longo do tempo (Cook, 1995; Cook & Burrell, 2009; Ferguson & McKillop, 2000; Mueller, 1972), os resultados não indicam uma transição linear ou progressiva ao longo do período estudado. Essa constatação pode estar relacionada à estabilidade estrutural do setor cooperativo brasileiro, às políticas regulatórias que incentivam a longevidade, ou ao fato de que o período de análise não seja suficiente para observar mudanças de estágio significativas em organizações que tendem a evoluir gradualmente. Para aprofundar a discussão, recomenda-se a análise de trajetórias individuais de cooperativas, identificando eventuais transições de estágio ao longo do tempo, o que pode fornecer compreensão mais dinâmica do ciclo de vida no setor.

4.2 Estatísticas Descritivas

A Tabela 5 apresenta a estatística descritiva das variáveis financeiras e operacionais das cooperativas de crédito, agrupadas conforme os diferentes estágios do ciclo de vida

organizacional: Nascente, Crescimento, Maturidade e Declínio. As variáveis analisadas incluem a taxa de crescimento da receita, a taxa de crescimento da despesa com pessoal e a taxa de participação no Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC). Para cada estágio do ciclo de vida, foram calculadas as médias, desvios-padrão, valores mínimos, máximos e medianas, com o propósito de compreender o comportamento financeiro e operacional característico de cada fase. Essa análise permite identificar padrões de desempenho e de estrutura econômica que distinguem as cooperativas conforme sua posição no ciclo evolutivo.

A taxa de crescimento da receita apresenta variação significativa entre os estágios do ciclo de vida. As cooperativas classificadas nos estágios Nascente e Crescimento exibem, em média, maiores taxas de expansão de receita quando comparadas àquelas situadas nas fases de Maturidade e Declínio, o que está em consonância com os pressupostos teóricos de Vasylieva e Chmutova (2015). O elevado desvio-padrão observado no estágio Nascente (0,48691) evidencia heterogeneidade no desempenho dessas cooperativas, sugerindo diferenças relevantes na capacidade de geração de receitas entre as entidades mais jovens.

De forma semelhante, a taxa de crescimento da despesa com pessoal também demonstra ampla variação entre os estágios do ciclo de vida. As cooperativas nascentes registram, em média, maiores níveis de crescimento dessa despesa, o que pode indicar investimentos iniciais mais intensos em capital humano, necessários para a estruturação operacional e administrativa da entidade. Nas fases de Crescimento e Maturidade, observa-se menor variação, possivelmente refletindo maior estabilidade na estrutura de custos com pessoal, decorrente de processos mais consolidados e automatizados.

Tabela 5

Estatísticas Descritivas

Variável	Estatística	Nascente	Crescimento	Maturidade	Declínio
Taxa de Crescimento da Receita	<i>Média</i>	1,18914	0,58430	0,30520	0,00370
	<i>Mediana</i>	1,25862	0,75029	0,28857	0,03467
	<i>Mínimo</i>	0,21460	-0,27138	-0,20188	-0,63503
	<i>Máximo</i>	2,08727	1,23302	0,86318	0,47826
	<i>Desvio Padrão</i>	0,48691	0,38510	0,25385	0,19414
Taxa de Crescimento da Despesa com Pessoal	<i>Média</i>	0,59669	0,30058	0,16539	0,03424
	<i>Mediana</i>	0,51346	0,27374	0,15728	0,04420
	<i>Mínimo</i>	-0,14031	-0,07256	-0,35662	-0,79439
	<i>Máximo</i>	1,78040	1,01098	1,15789	0,43969
	<i>Desvio Padrão</i>	0,42200	0,15003	0,12096	0,12935
Taxa de participação no Sistema Nacional de Crédito	<i>Média</i>	0,00219	0,00178	0,00171	0,00127
	<i>Mediana</i>	0,00064	0,00082	0,00074	0,00031
	<i>Mínimo</i>	0,00000	0,00000	0,00000	0,00000
	<i>Máximo</i>	0,02304	0,01811	0,02472	0,02622
	<i>Desvio Padrão</i>	0,00436	0,00252	0,00278	0,00313

Fonte: Dados da pesquisa.

A taxa de participação no Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) representa o grau de integração das cooperativas de crédito ao sistema nacional. A variação relativamente baixa dessa taxa sugere que o nível de participação das cooperativas no SNCC não é fortemente influenciado pelo estágio de ciclo de vida organizacional. Os resultados divergem ao estudo de Espich (2025), que identificou variações sistemáticas na participação das cooperativas no sistema nacional entre os estágios do ciclo de vida.

O teste de Kruskal-Wallis evidenciou diferenças estatisticamente significativas nas medianas entre os quatro estágios - Nascente, Crescimento, Maturidade e Declínio - para todas

as variáveis analisadas (CresRec, CresPes e TxPart) ($p < 0,05$). Esse resultado confirma que os grupos apresentam distribuições distintas quanto às medidas de crescimento e participação, justificando a realização de análises comparativas entre os estágios.

Os resultados do teste *post-hoc* de Dunn indicaram que, para as taxas de crescimento da receita e das despesas com pessoal, todas as comparações entre estágios apresentaram diferenças significativas de mediana. Tal evidência sugere uma variação consistente das medidas de crescimento ao longo do ciclo de vida das cooperativas. No caso da Taxa de Participação no SNCC, embora várias comparações tenham revelado diferenças significativas, algumas combinações - como Maturidade versus Nascente - não apresentaram distinções estatísticas, indicando que essa taxa tende a estabilizar-se em determinados períodos do ciclo de vida organizacional.

De forma geral, as cooperativas situadas nos estágios iniciais (Nascente e Crescimento) exibem maiores taxas de crescimento, tanto em termos de receita quanto de despesas com pessoal, refletindo o foco em expansão e ganho de escala característico dessas fases. Em contrapartida, as cooperativas nos estágios de Maturidade e Declínio apresentam taxas de crescimento mais modestas, o que pode indicar estabilização ou retração operacional (Espich, 2025; Kolodiziev et al., 2016; Maia, 2022; Vasylieva & Chmutova, 2015). Outro ponto é a grande variação intragrupo (desvios-padrão), sugerindo diversidade de desempenho e comportamento que não se captura apenas pelos valores médios.

4.3 Conservadorismo Contábil

Nesta etapa, as cooperativas de crédito foram segmentadas nas diferentes fases do ciclo de vida. O modelo de lucros para avaliação do conservadorismo contábil proposto por Ball e Shivakumar (2005) considera as sobras líquidas das entidades nos períodos $t-1$ (ano anterior) e $t-2$ (dois anos anteriores). Como a amostra compreende o período entre 2017 e 2023, não havia dados de dois anos anteriores para 2018; por isso, esse ano foi excluído do cálculo da regressão linear.

Foram consideradas 3.075 observações, sendo que 101 fizeram parte do *cluster* Nascente, 744 em Crescimento, 1417 em Maturidade e 813 em Declínio. A Tabela 6 apresenta a análise de regressão para a amostra completa e por estágio, em relação ao conservadorismo contábil.

Para validar os pressupostos estatísticos dos modelos de regressão, foram aplicados testes de heterocedasticidade, multicolinearidade, normalidade e autocorrelação dos resíduos. O teste de Breusch-Pagan indicou a presença de heterocedasticidade em todos os modelos ($p < 0,05$), evidenciando variância não constante dos resíduos. Para corrigir essa limitação e garantir a robustez das inferências, os coeficientes foram reestimados com erros-padrão robustos de White, que ajustam a significância estatística mesmo na presença de heterocedasticidade.

Os valores do VIF (*Variance Inflation Factor*) foram inferiores a 2, o que indica ausência de multicolinearidade relevante entre as variáveis independentes. O teste de Shapiro-Wilk aplicado aos resíduos apontou violação da normalidade ($p < 0,05$) em todos os modelos, sem prejuízo à validade dos coeficientes em razão do uso de erros robustos. Por fim, o teste de Durbin-Watson revelou independência dos resíduos (valores próximos de 2 e $p > 0,05$), não indicando autocorrelação significativa. Dessa forma, os modelos estimados atendem aos pressupostos necessários para a interpretação confiável dos coeficientes, considerando as correções aplicadas e a robustez estatística dos testes realizados.

Os resultados da regressão do modelo de Ball e Shivakumar (2005) indicam o poder explicativo (R^2) de 37,51% para a amostra completa. Quando analisadas separadamente as fases

do ciclo de vida, observa-se uma redução para 27,39% nas cooperativas em estágio de crescimento, enquanto o maior poder explicativo foi verificado no mesmo estágio, atingindo 48,29%. Esses resultados são consistentes com estudos anteriores, como Castro et al. (2022), que identificaram um poder explicativo de 50,2%, Arruda et al. (2015), com 30,6%, e Diniz (2020), com 29,6%.

Tabela 6

Conservadorismo contábil – Modelo de Ball e Shivakumar (2005)

	Completa		Nascente		Crescimento		Maturidade		Declínio	
	coefic.	P-valor	coefic.	p-valor	coefic.	p-valor	coefic.	P-valor	coefic.	P-valor
Constante	0,0070	0,000	0,0070	0,000	0,0067	0,000	0,0071	0,000	0,0083	0,000
$D\Delta SL_{t-1}$	-0,0133	0,000	-0,0115	0,0039	-0,0112	0,000	-0,0123	0,000	-0,0183	0,000
ΔSL_{t-1}	-0,2813	0,000	0,1034	0,5572	-0,4284	0,000	-0,5296	0,000	-0,2114	0,000
$D\Delta SL^* \Delta SL_{t-1}$	0,2168	0,000	-1,6018	0,0347	0,2316	0,0011	0,3960	0,000	-0,3470	0,000
R^2 ajustado	0,3751	-	0,2739	-	0,4829	-	0,4386	-	0,3750	-
Teste F	615,9	0,000	13,58	0,000	232,3	0,000	369,7	0,000	163,4	0,000
N	3075	-	101	-	744	-	1417	-	813	-

Legenda: $D\Delta SL_{t-1}$ indica a variável *dummy* se houve variação negativa nas sobras líquidas do ano t-1 para o ano t, assumindo valor 1 se a variação foi negativa e 0 para os demais casos; ΔSL_{t-1} é a variação nas sobras líquidas da cooperativa do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo ativo total do ano t-1.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao resultado do coeficiente β_2 (SL_{t-1}) é negativo e significativo ($p\text{-valor} < 0,05$) na maioria dos estágios (exceção da fase Nascente, em que β_2 não é significativo), que sugere uma tendência de reconhecer perdas mais rapidamente do que ganhos, um indício do comportamento conservador nas cooperativas de crédito. Estes resultados são relacionados aos estudos de Arruda et al. (2015), Castro et al. (2022), Diniz (2020), Santos e Santos (2020).

Ao analisar a soma dos coeficientes β_2 (ΔSL_{t-1}) e β_3 ($D\Delta SL \times \Delta SL_{t-1}$), os resultados foram menos consistentes em relação ao nível de significância estatística nos diferentes estágios do ciclo de vida. O somatório dos coeficientes em todos os conjuntos de dados apresentou resultado negativo, o que reforça a evidência do comportamento conservador. Estes resultados corroboram os estudos de Castro et al. (2022), Diniz (2020), Santos e Santos (2020) e diverge quantos aos resultados de Lima et al. (2015) e Paulo et al. (2008).

No modelo de conservadorismo contábil de Beatty e Liao (2011) é obtido pela divisão entre as provisões sobre operações de crédito e os empréstimos inadimplentes, neste caso considerando aqueles vencidos há mais de 90 dias. A amostra não atendeu à normalidade dos resíduos, e por esse motivo, optamos por utilizar os testes não paramétricos de Kruskal-Wallis e Dunn para comprovar as diferenças entre os grupos.

Tabela 7*Conservadorismo contábil – Modelo de Beatty e Liao (2011)*

	Completa	Nascente	Crescimento	Maturidade	Declínio
Média	0,90934	0,73842	0,95863	0,92769	0,85351
Mediana	0,91075	0,87092	0,94555	0,91135	0,87221
1º quartil	0,80702	0,54268	0,84467	0,81684	0,76451
3º quartil	1,03300	1,02051	1,08665	1,02123	1,00320
Desvio padrão	0,31640	0,46440	0,30229	0,26259	0,37282
Teste Kruskal-Wallis	Chi-squared = 67,751, df = 3, p-value = 0,0000				
Teste de Dunn (comparação entre grupos)					
	Crescimento		Declínio	Maturidade	
Declínio	7,880379 (p = 0,0000)		-	-	
Maturidade	4,225083 (p = 0,0000)		-4,739559 (p = 0,0000)	-	
Nascente	4,112225 (p = 0,0000)		0.343650 (p = 0,3656)	2,376784 (p = 0,0087)	

Fonte: *Dados da pesquisa.*

Com base em médias e medianas, cooperativas em Crescimento e Maturidade apresentaram maior conservadorismo, enquanto as Nascente exibiram menores índices. Hansen et al. (2018) sugerem que firmas em introdução são mais impactadas do que maduras ou em declínio; todavia, seus resultados referem-se a empresas listadas nos Estados Unidos, com características distintas de cooperativas de crédito.

Os resultados deste estudo corroboram a literatura ao evidenciar que cooperativas em estágios mais avançados de seu ciclo de vida adotam práticas mais prudentes, influenciadas tanto pelas exigências regulatórias do Banco Central quanto pela necessidade de estabilidade financeira. Nesse contexto, a regulação se apresenta como um fator determinante nas escolhas contábeis, funcionando como um mecanismo disciplinador. Assim, este estudo contribui para o debate ao demonstrar como o ambiente regulatório molda o conservadorismo contábil no setor cooperativo brasileiro.

Os desvios-padrão indicam que existe maior dispersão do conservadorismo no estágio Nascente, sugerindo diferentes estratégias contábeis entre empresas deste grupo. O resultado do teste de Kruskal-Wallis apresenta p-valor menor que 0,05, desta forma a Hipótese nula é rejeitada e indica que pelo menos um grupo apresenta resultados diferentes.

O teste de Dunn comprova que quando o p-valor é menor que 0,05, a hipótese nula é rejeitada e afirma que há diferenças significativas entre os grupos. A única exceção foi a comparação entre os grupos Declínio e Nascente (p-valor = 0,3656), indicando que as medianas não são significativamente diferentes entre esses grupos. Nas demais comparações entre grupos, todos os valores de p-valor são menores que 0,05, comprovando a existência de diferenças significativas entre os grupos. Os resultados corroboram estudos anteriores, quanto a influência do ciclo de vida na qualidade da informação contábil (Can, 2020; Krishnan *et al.*, 2020).

Em síntese, é possível verificar que as fases do ciclo de vida têm poder explicativo sobre o conservadorismo contábil das cooperativas de crédito brasileiras, conformando a hipótese levantada (H1).

5 Considerações Finais

O estudo atingiu seu objetivo ao evidenciar que o conservadorismo contábil em cooperativas de crédito brasileiras é sensível ao estágio de ciclo de vida. Essa constatação amplia a teoria do ciclo de vida para o contexto de cooperativas financeiras, apontando que a maturidade organizacional afeta a qualidade da informação contábil. Além disso, os resultados

possuem implicações práticas relevantes para reguladores e gestores, que podem ajustar práticas de monitoramento e governança conforme o estágio de desenvolvimento da entidade.

Este estudo analisou o conservadorismo contábil ao longo dos estágios do ciclo de vida de 615 cooperativas de crédito singulares brasileiras, no período entre 2019 e 2023. As cooperativas foram agrupadas em *clusters*, conforme modelo de Vasylieva e Chmutova (2015) e Maia (2022). O conservadorismo foi mensurado pelos modelos de Ball e Shivakumar (2005) e de Beatty e Liao (2011).

Entre 2018 e 2023, o setor cooperativo experimentou uma transformação significativa. Em 2018, predominavam Maturidade e Declínio, indicando um setor estabelecido, mas com desafios. Nos anos seguintes, observou-se um aumento nas cooperativas em Crescimento e diminuição nas cooperativas em Declínio. A tendência de recuperação e fortalecimento do setor continuou até 2023, com um aumento significativo das cooperativas classificadas em Maturidade e redução nas cooperativas em Declínio. Esse padrão indica alterações no ambiente de negócios, que podem favorecer o desenvolvimento das cooperativas, possivelmente em razão de melhores práticas de gestão, políticas de apoio mais eficazes ou condições de mercado mais favoráveis.

Quanto às estatísticas descritivas, a taxa de crescimento variou consideravelmente: Nascente e Crescimento exibiram maiores médias do que Maturidade e Declínio, alinhando-se com a teoria. O crescimento da despesa com pessoal também variou, com Nascentes mostrando maiores médias, possivelmente pelo investimento inicial em pessoal. A taxa de participação no SNCC mostrou pouca variação, sugerindo que a integração no sistema pode não ser profundamente afetada pelo estágio de vida da cooperativa.

Nos modelos de conservadorismo de Ball e Shivakumar (2005) os resultados mostraram-se relevantes e aplicáveis, com indicação da prática consistente em todos os ciclos de vida. Enquanto os resultados do modelo de Beatty e Liao (2011) indicaram maior conservadorismo em cooperativas em Crescimento e Maturidade, cooperativas em estágio Nascente possuem os menores níveis. Além disso, os testes de Kruskal-Wallis e Dunn confirmam as diferenças significativas entre os grupos.

Este estudo abordou de forma única um contexto pouco pesquisado - conservadorismo contábil em estágios de ciclo de vida das cooperativas de crédito brasileiras. À medida que essas entidades ganham significância econômica, os *insights* sobre essas relações e seu desempenho tornam-se valiosos. As evidências obtidas podem orientar regulamentações e práticas para o setor cooperativo do Brasil e mercados emergentes semelhantes.

Para pesquisas futuras, além dos estágios do ciclo de vida, recomenda-se explorar o conservadorismo contábil ao longo das diferentes fases do ciclo econômico nas cooperativas de crédito. Conforme destacado por Sallaberry *et al.* (2024), a inclusão de variáveis de controle macroeconômico pode influenciar os resultados no contexto das cooperativas brasileiras. Sugere-se, ainda, a ampliação do período de estudo, permitindo acompanhar a evolução das cooperativas ao longo do tempo e compreender melhor as mudanças em suas estratégias e desempenho financeiro.

Referências

Arruda, M. P., Vieira, C. A., Paulo, E., & Lucena, W. G. (2015). Análise do conservadorismo e persistência dos resultados contábeis das instituições financeiras brasileiras. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 10(2), 23–25. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v10i2.13348

Azevedo, M. de A., & Gartner, I. R. (2020). Concentração e Competição no Mercado de Crédito Doméstico. *Revista de Administração Contemporânea*, 24(5), 380–399. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2020190347>

Ball, R., & Shivakumar, L. (2005). Earnings Quality in UK Private Firms: Comparative Loss Recognition Timeliness, *Journal of Accounting and Economics*, 39 (1): 83–128. <https://doi.org/10.1016/j.jacceco.2004.04.001>

Banco Central do Brasil [BCB] (2025). *Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo*. Data-base: dezembro/2024. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/estabilidadefinanceira/coopcredpanorama/Panorama_Cooperativas_SNCC_FINAL_dez2024.pdf

Banco Central do Brasil [BCB] (2024). *O que são cooperativas de crédito?* Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/composicao/coopcred.asp?frame=1>

Basu, S. (1997). The Conservatism Principle and the Asymmetric Timeliness of Earnings, *Journal of Accounting and Economics*, 24 (1): 3–37. [https://doi.org/10.1016/S0165-4101\(97\)00014-1](https://doi.org/10.1016/S0165-4101(97)00014-1)

Beatty, A., & Liao, S. (2011). Do delays in expected loss recognition affect banks' willingness to lend? *Journal of accounting and economics*, 52(1), 1-20. <https://doi.org/10.1016/j.jacceco.2011.02.002>

Can, G. (2020). Do life-cycles affect financial reporting quality? Evidence from emerging market. *Cogent Business & Management*, 7(1), 1854147. <https://doi.org/10.1080/23311975.2020.1854147>

Canassa, B. J., Zancan, F., & de Moura Costa, D. R. (2022). Credit Union Life Cycle and Membership: Evidence from Brazilian Credit Unions. *Revista Contabilidade, Gestão e Governança*, 25(1). http://dx.doi.org/10.51341/1984-3925_2022v25n1a3

Carvalho, F. L. D., Diaz, M. D. M., Bialoskorski Neto, S., & Kalatzis, A. E. G. (2015). Saída e insucesso das cooperativas de crédito no Brasil: uma análise do risco. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26, 70-84. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201411390>

Castro, E. L., Rover, S., & Lerner, A. F. (2022). Conservadorismo contábil nas cooperativas de crédito do Brasil. In *Anais do 12º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças*. Florianópolis, SC.

Cook, M. L. (1995). The Future of U.S. Agricultural Cooperatives: A Neo-Institutional Approach. *American Journal of Agricultural Economics*, 77(5), 1153–1159. <https://doi.org/10.2307/1243338>

Cook, M., & Burress, M. J. (2009). A Cooperative Life Cycle Framework. *21st Century: Lessons from the Past*.

Dechow, P., Ge, W., & Schrand, C. (2010). Understanding earnings quality: A review of the proxies, their determinants and their consequences. *Journal of Accounting and Economics*, 50(2-3), 344-401. <https://doi.org/10.1016/j.jacceco.2010.09.001>

Dechow, P. M., & Schrand, C. M. (2004). *Earnings quality*. Charlottesville: CFA Institute.

Díaz-Sánchez, I., Martínez-Conesa, I., & Illueca-Muñoz, M. (2023). Regulation, Supervision and Accounting Conservatism: The Interaction of the Three Pillars of Basel II on the Quality of Reported Earnings in Worldwide Banks. *Revista de Contabilidad-Spanish Accounting Review*, 26(2), 330-342. <https://www.doi.org/10.6018/riesar.438811>

Diniz, M. M. (2020). Qualidade da informação contábil: um estudo das cooperativas de crédito brasileiras. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Contabilidade, Paraíba, Brasil.

Drake, K. D. (2012). *Does firm life cycle explain the relation between book-tax differences and earnings persistence?* Arizona State University.

Dunn, O. J. (1964). Multiple comparisons using rank sums. *Technometrics*, 6(3), 241-252.

Espich, D. (2025). A relação entre o desempenho social e econômico-financeiro nos diferentes estágios do ciclo de vida das cooperativas de crédito brasileiras. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Maria]. Repositório Digital Manancial, UFSM.

Favalli, R. T., Gori Maia, A., & da Silveira, J. M. F. J. (2020). Governance and financial efficiency of Brazilian credit unions. *RAUSP Management Journal*, 55, 355-373. <https://doi.org/10.1108/RAUSP-02-2019-0018>

Fávero, L. P. L., Belfiore, P. P., Silva, F. L. da, & Chan, B. L. (2009). *Análise de Dados: Modelagem Multivariada para Tomada de Decisões*. Campus.

Ferguson, C., & McKillop, D. G. (2000). Classifying Credit Union Development in Terms of Mature, Transition and Nascent Industry Types. *The Service Industries Journal*, 20(4).

Ferreira, G. D., do Carmo, C. H. S., Zanolla, E. R. C. I. L. I. O., de Moura, P. J. P., & Nascimento, D. F. (2021). Qualidade da Informação Contábil: Análise Bibliométrica das Pesquisas em Cooperativas. *Revista Mineira de Contabilidade*, 22(3), 49-59. <https://doi.org/10.51320/rmc.v22i3.1234>

Habib, A., & Hasan, M. M. (2019). Corporate life cycle research in accounting, finance and corporate governance: A survey, and directions for future research. *International Review of Financial Analysis*, 61, 188-201. <https://doi.org/10.1016/j.irfa.2018.12.004>

Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R., & Tatham, R. L. (2010). *Análise multivariada de dados* (6a. Ed). Artmed Editora.

Hansen, J. C., Hong, K. P., & Park, S. H. (2018). Accounting conservatism: A life cycle perspective. *Advances in Accounting*, 40, 76-88. <https://doi.org/10.1016/j.adiac.2017.10.001>

- Kolodiziev, O., Chmutova, I., & Biliaieva, V. (2016). Selecting a kind of financial innovation according to the level of a bank's financial soundness and its life cycle stage. *Banks and Bank Systems*, 11(4), 40–49. [http://dx.doi.org/10.21511/bbs.11\(4\).2016.04](http://dx.doi.org/10.21511/bbs.11(4).2016.04)
- Krishnan, G. V., Myllymäki, E. R., & Nagar, N. (2021). Does financial reporting quality vary across firm life cycle? *Journal of Business Finance & Accounting*, 48(5-6), 954-987. <https://doi.org/10.1111/jbfa.12508>
- Kuznyetsova, A., Boiarko, I., Khutorna, M., & Zhezherun, Y. (2022). Development of financial inclusion from the standpoint of ensuring financial stability. *Public and Municipal Finance*, 11(1), 20-36. [http://dx.doi.org/10.21511/pmf.11\(1\).2022.03](http://dx.doi.org/10.21511/pmf.11(1).2022.03)
- Lima, A. S. D., Carvalho, E. V. A. D., Paulo, E., & Girão, L. F. D. A. P. (2015). Estágios do ciclo de vida e qualidade das informações contábeis no Brasil. *Revista de Administração Contemporânea*, 19, 398-418. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20151711>
- Maia, L. L. (2022). *Eficiência e ciclo de vida das cooperativas de crédito: uma abordagem econômica e social*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Contabilidade, Minas Gerais, Brasil.
- Maia, S. C., de Benedicto, G. C., do Prado, J. W., Robb, D. A., de Almeida Bispo, O. N., & de Brito, M. J. (2019). Mapping the literature on credit unions: a bibliometric investigation grounded in Scopus and Web of Science. *Scientometrics*, 120, 929-960. <https://doi.org/10.1007/s11192-019-03165-1>
- Maia, S. A., Bressan, V. G. F., Lamounier, W. M., & Braga, M. J. (2013). Gerenciamento de resultados em cooperativas de crédito no Brasil. *Brazilian Business Review*, 10(4), 96-116. <https://doi.org/10.15728/bbr.2013.10.4.4>
- Martins, O. S., & de Barros, L. A. B. C. (2021). Firm informativeness, information environment, and accounting quality in emerging countries. *The International Journal of Accounting*, 56(01), 2150004. <https://doi.org/10.1142/S1094406021500049>
- McKillop, D., French, D., Quinn, B., Sobiech, A. L., & Wilson, J. O. (2020). Cooperative financial institutions: A review of the literature. *International Review of Financial Analysis*, 71, 101520. <https://doi.org/10.1016/j.irfa.2020.101520>
- Mueller, D. C. (1972). A life cycle theory of the firm. *The Journal of Industrial Economics*, 20 (3), 199-219.
- Park, Y., & Chen, K. H. (2006). The effect of accounting conservatism and life-cycle stages on firm valuation. *Journal of Applied Business Research*, 22(3), 75-92.
- Paulo, E., Antunes, M. T. P., & Formigoni, H. (2008). Conservadorismo contábil nas companhias abertas e fechadas brasileiras. *Revista de Administração de Empresas*, 48, 46-60. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902008000300005>

Samadiyan, B., & Rezaei, F. (2012). Investigating the relationship between stock prices and earnings quality using Leuz Parton-Simko and Penman models in firm's life cycle stages. *Journal of Basic and Applied Scientific Research*, 2(3), 2312-2324.

Sallaberry, J. D., Venturini, L. D. B., Lerner, A. F., & Flach, L. (2024). Income smoothing in Brazilian credit unions: the effects of default. *Revista Ambiente Contábil*, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 16(1), 1–22. <https://doi.org/10.21680/2176-9036.2024v16n1ID34807>

Santos, R. R. D. (2023). *Income Smoothing e folga organizacional: estudo das relações nos estágios de vida das cooperativas de crédito brasileira*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil.

Santos, R. R., & Santos, J. F. (2020). Income smoothing practices and conservatism in Brazilian credit unions. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(1), 76-88. <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i1.38886>

Scott, William R. (2015). *Financial accounting theory*. Seventh edition. Pearson.

Silva, T. P. D., Leite, M., Guse, J. C., & Gollo, V. (2017). Financial and economic performance of major Brazilian credit cooperatives. *Contaduría y administración*, 62(5), 1442-1459. <https://doi.org/10.1016/j.cya.2017.05.006>

Unda, L. A., Ahmed, K., & Mather, P. R. (2019). Board characteristics and credit-union performance. *Accounting & Finance*, 59(4), 2735-2764. <https://doi.org/10.1111/acfi.12308>

Vasylieva, T. A., & Chmutova, I. M. (2015). Empirical Model of a Bank Life Cycle. *Actual Problems of Economics*, 10 (172), 352-361.

Xu, B. (2007). Life cycle effect on the value relevance of common risk factors. *Review of Accounting and Finance*, 6(2), 162-175. <https://doi.org/10.1108/14757700710750838>

Watts, R.L. (2003). Conservatism in Accounting Part I: Explanations and Implications. *Accounting Horizons*, 17 (3): 207–21.